

# O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro

**Andréa Osório**

Doutoranda em Antropologia no PPGSA/IFCS/UFRJ

## **Resumo**

O artigo pretende apontar para uma dinâmica de diferenciação de gênero observada no universo da tatuagem, a partir de pesquisa de campo efetuada em dois estúdios de tatuagens na cidade do Rio de Janeiro. Os desenhos a serem tatuados e locais do corpo escolhidos, a postura frente à dor e a autonomia quanto à escolha pela marca seguem uma determinação ditada pelo gênero, de forma a construir esta diferenciação.

**Palavras-chave:** Gênero; corpo; tatuagem.

## **Abstract**

*The article aims to present the dynamics of gender difference as observed in field research in two tattoo studios in the city of Rio de Janeiro. Designs, body areas, reaction to pain in the process and autonomy related to the choice for the mark all follow gender difference constructions.*

**Keywords:** Gender; body; tattoos.

## INTRODUÇÃO

Entre 2004 e 2005, foi realizada pesquisa de campo em dois estúdios de tatuagem na cidade do Rio de Janeiro, um localizado na Zona Norte, área menos valorizada economicamente, e outro na Zona Sul, área mais valorizada economicamente. Como havia sido apontado acerca de outras metrópoles brasileiras (LEITÃO, 2003), o público encontrado foi majoritariamente feminino. Em consulta a fichas de cadastro de clientes relativas a três meses no estúdio pesquisado na Zona Norte<sup>1</sup>, chegou-se a uma participação de cerca de 70% de mulheres na clientela total, conforme a tabela n. 1. Outras fontes têm apontado para resultados semelhantes. Segundo a homepage Beleza Pura, ligada ao Viva Favela do Viva Rio,

“O estúdio Agulha Nervosa, de Emerson Costa Maria, 32 anos, lota no verão. A faixa etária varia dos 13 aos 70 anos. As menores de idade só podem se tatuar com a autorização dos responsáveis, de acordo com uma legislação que regulamenta a prática. ‘Chego a fazer três tatuagens por dia. De quatro anos para cá, a clientela feminina cresceu e já representa 60% do movimento’, avalia o tatuador.” (LEAL, 2005)

Sabino, em comunicação pessoal, apontou para número semelhante a respeito de freqüentadores veteranos de academias de musculação que são tatuados e que foram entrevistados por ele: 63 mulheres e 38 homens, que correspondem, respectivamente, a 70% e 30% dos entrevistados tatuados.

“Para a elaboração da tese foi realizado trabalho de campo (observação participante, etnográfica com a realização de entrevistas gravadas e escritas) em 12 academias de musculação e ginástica da zona norte e sul da cidade do Rio de Janeiro. Foram entrevistados 310 freqüentadores assíduos destas instituições (200 homens e 110 mulheres com idade entre 16 e 55 anos), sendo que dentre estes, 101 possuíam tatuagens, 63 mulheres e 38 homens.” (Cesar SABINO)

Pode-se deduzir destes dados que o percentual dominante feminino no universo da tatuagem atualmente, em termos de público, na cidade do Rio de Janeiro, encontra-se em torno dos 65%, com possíveis variações em alguns estúdios.

Frente a uma invasão das mulheres no que há até algumas décadas atrás era um território preponderantemente masculino<sup>2</sup>, não havia como não se deter sobre uma análise de gênero neste universo. Assim, observou-se que, apesar de constituírem maioria entre os clientes, as mulheres e o que é considerado feminino neste ambiente, são vistos como espécie de exceções. Os profissionais da tatuagem são, em sua maioria, homens. Os desenhos e temáticas a serem riscadas na pele são, em sua maioria, referentes ao que se considera masculino. Deste modo, pude perceber que a experiência feminina no estúdio, além de ser diferente da masculina por questões relativas aos papéis de gênero, é também

marcada por este ambiente masculino dos profissionais.

As principais diferenças de gênero observadas neste universo se relacionam à experimentação da dor, ao desenhos e regiões do corpo tatuadas e ao controle dos corpos femininos pela família, fundamentalmente no que concerne à oposição ou apoio ao uso das tatuagens. Como consequência das diferenças de gênero, constrói-se toda uma idéia de masculinidade voltada para a tolerância à dor e a expressão de um ethos guerreiro (ELIAS, 1996), enquanto as mulheres mantêm-se em posição de submissão, reproduzindo a idéia de fraqueza em desenhos considerados delicados e na expressão mais livre da sensação de dor.

### *PARA ELAS*

O primeiro ponto relacionado ao gênero observado no universo pesquisado foi a existência da classificação “desenhos femininos”. São desenhos criados especialmente para mulheres e que se diferenciam dos demais (masculinos ou unissex) pela temática, envolvendo fadas, anjos, estrelas, luas, flores. Não existem “desenhos masculinos”. Os desenhos podem ser classificados em três colunas, segundo o gênero, que é um elemento que atravessa todo o universo da tatuagem: aqueles usados apenas por mulheres, os preferidos pelos homens e os que são escolhidos por ambos.

Os “desenhos femininos”, muitas vezes, apresentam um aspecto infantil, de desenhos feitos por crianças ou para crianças, como bonecas e querubins. Os animais escolhidos por elas são domésticos ou vistos como inofensivos, como gatos, beija-flores e golfinhos. Observou-se uma procura grande por flores, borboletas e estrelas, conforme o gráfico n. 1.

A maior parte dos desenhos “masculinos” envolve algum tipo de elemento de agressividade, conforme o gráfico n. 2, seja na escolha por animais selvagens ou por desenhos associados a um imaginário guerreiro, como caveiras – que não aparecem nos dados levantados, mas foram observadas em campo –, samurais, índios e o próprio dragão. Observar um significativo número de ideogramas poderia sugerir a expressão de uma masculinidade menos agressiva, menos pautada em símbolos de violência. Contudo, se somados, os desenhos relacionados a alguma forma de agressividade são a maioria, pois estão disseminados em categorias e elementos distintos. Poder-se-ia incluir neste grupo: São Jorge, dragão, samurai, índio e índia, centauro, escudos de time de futebol, tubarão, águia, cachorro, tigre, onça, leão, escorpião, aranha e asa com fogo. Somados estes desenhos apresentam um total de 41 indivíduos em 132 homens, ou seja, 31%.

Não ter um desenho que remeta ao repertório masculino nem localizá-lo numa região do corpo considerada masculina é uma preocupação das mulheres que buscam tatuagens. Assim, uma cliente do estúdio pesquisado na Zona Norte que fez sua primeira tatuagem aos 26 anos queria tatuar um tubarão,

mas fora desaconselhada por parentes e amigos porque o desenho seria “agressivo e masculino”. Optou então pela sua versão comics, estilo de tatuagem que se refere ao universo de gibis e mangás, e tatuou a personagem Tutubarão – que conjuga a contradição entre ser dócil e tubarão ao mesmo tempo – na região lombar.

Segundo Bourdieu (2003), as diferenças culturais entre os gêneros estão inscritas em seus corpos, segundo a noção de habitus. O habitus é uma disposição corporal construída pela sociedade e pela cultura, ou seja, uma lei social incorporada. Desta forma, pode-se observar o corpo como locus de diferença sexual, não por suas disposições biológicas, mas socialmente construídas. A força simbólica que a sociedade exerce sobre o indivíduo, diz ele, exerce também e, sobretudo, sobre os corpos. Assim, os corpos femininos e masculinos se diferenciam quanto a uma série de movimentos, posições e posturas que traduzem as diferenças pensadas e construídas sobre os gêneros, ou pelo menos se observa os corpos como tendo estas diferenças.

As sociedades são, para Bourdieu (2003), organizadas segundo uma diferenciação entre os gêneros que dispõe o masculino como preponderante, o que chama de dominação masculina. Esta dominação impõe uma visão androcêntrica de mundo, onde o que é masculino é visto como neutro, sem necessidade de ser enunciado em discursos que visem legitimar esta visão. A dominação masculina cria estruturas práticas de diferenciação entre os sexos tanto quanto estruturas mentais, de cognoscibilidade. É a partir desta forma de conhecimento sobre o mundo que se pode perceber a experiência feminina do corpo como diferente da experiência masculina.

A partir desta idéia de Bourdieu (2003), é possível perceber porque existem “desenhos femininos”, enquanto seu análogo “desenhos masculinos” jamais foi visto em campo. Sendo neutro, o masculino não precisa ser diferenciado. Da mesma forma, observa-se porque clientes e tatuadores preocupam-se em tornar femininos certos desenhos que trazem a idéia de agressividade, como o leão ou o tubarão: a agressividade é uma característica masculina e o feminino é construído na negação destas características. As áreas tatuadas, da mesma forma, seguem esta lógica de diferenciação e se busca jamais tomar para si regiões que sejam destinadas, por tradição, ao sexo oposto. As distinções entre os gêneros explicam, ainda, porque as tatuagens dos homens costumam ser maiores que as tatuagens das mulheres, relacionadas à idéia de agressividade e afirmação de virilidade, enquanto as tatuagens femininas são pequenas e se referem a desenhos que inspiram fragilidade, doçura e mesmo infantilidade.

Conforme foi dito em campo por uma tatuadora, as mulheres preocupam-se em não apresentar tatuagens que considerem masculinas, tanto em relação aos desenhos tatuados quanto à sua localização no corpo. Elas observam o braço como uma região masculina. Creio que os homens operam esta distinção da mesma forma que elas, fugindo de desenhos considerados femininos

e localizando as tatuagens em regiões que não sejam igualmente consideradas típicas das mulheres. Os homens, conforme relato de um cliente deste mesmo estúdio, não querem uma tatuagem “de mulherzinha”.

### Corpo e gênero

A partir da análise das fichas de cadastro de clientes foi possível identificar as regiões do corpo escolhidas para serem tatuadas, divididas segundo o gênero, conforme o gráfico n. 3. As regiões mais tatuadas pelas mulheres são as costas (26.4%), o pescoço/nuca (23.6%), e o calcanhar/pé (9.5%). Observe-se que as costas e o pescoço/nuca correspondem à metade das tatuagens femininas (50%). As costas são a segunda região corporal mais procurada pelos homens para a tatuagem (14.1%). Apesar das costas serem mais procuradas por mulheres (26.4%) do que homens (14.1%), não creio que se trate de uma região feminina, na medida em que os homens a tatuam em larga escala. Tampouco de trata de uma região neutra, na medida em que as mulheres tatuam a lombar e os homens não. O braço é o local masculino por excelência (61.7%), apresentando uma porcentagem de incidências superior à das costas e pescoço/nuca juntas nas mulheres (50%).

76

A região denominada aqui como braço envolve, ainda, o antebraço, mas não o pulso. O antebraço é mais raramente tatuado, uma vez que as camisas de mangas curtas o deixam à mostra. O braço, por sua vez, enseja uma idéia de força. Sabino (2000) observa que entre praticantes de musculação em academias de ginástica na cidade do Rio de Janeiro o braço musculoso, torneado em aparelhos e séries de exercícios físicos, é muitas vezes adornado com tatuagens, especialmente aquelas que tragam alguma idéia de agressividade, como animais selvagens.

Sobre o pescoço/nuca, Almeida (2001) aponta a região como tipicamente feminina. Segundo a autora, as mulheres optam pela área em função da facilidade em usar os cabelos longos como uma forma de esconder a marca – creio que como um véu que revela ou esconde o desenho, segundo as necessidades e intenções do sujeito. Conforme observei muitas vezes em campo, os tatuados em geral apresentam uma forte preocupação em esconder a marca, devido à crença de que o mercado de trabalho não está apto a lidar com a tatuagem, ainda vista como sinal de marginalidade e má conduta, ou seja, como um estigma (GOFFMAN, 1975). Os homens, sem a predominância dos cabelos longos, não têm a mesma flexibilidade quanto a esconder a marca nesta região.

Eu sugeriria que a nuca e o pescoço se tornaram áreas femininas por outras razões, além da possibilidade de se esconder a marca. Como a região é pouco extensa, permite tatuagens menores, tipicamente femininas, muito embora as costas sejam uma região extensa e bastante procurada por elas. Por outro lado, a possibilidade de revelar/esconder a marca utilizando o véu formado pelos cabelos longos faz com que apenas poucas pessoas tenham acesso à visão da tatuagem, o que a torna um elemento mais valorizado, de difícil acesso. A

feminilidade é, ainda hoje no Ocidente, resguardada, protegida de toques e olhares. Conforme Sabino (2000) aponta, as tatuagens femininas não apenas são pequenas em tamanho, mas se localizam em regiões do corpo onde podem ser escondidas, operando como uma metáfora da própria feminilidade. Neste sentido, o pescoço e a nuca são regiões privilegiadas para esta metáfora.

### **Dor e autonomia**

Durante a observação de campo pude perceber que a predominância das mulheres como público da tatuagem gera situações que são vividas diferencialmente por homens e mulheres. Gostaria de apresentar duas delas: o controle dos corpos femininos e a reação à dor provocada pelo processo de tatuar.

Uma das formas de controlar os corpos femininos que pode ser observada de dentro do estúdio de tatuagem é a companhia materna no momento de se tatuar. Muito embora a mãe proceda como conselheira, no que parece ser uma cultura feminina de cuidado com o corpo, ela também opera na forma de uma vigilância, impedindo a obtenção de desenhos ou a marcação de regiões do corpo considerados masculinos.

A menor incidência de uma companhia (qualquer) durante a tatuagem entre os homens se relaciona a ideais de masculinidade que envolvem, sobretudo, a idéia de suportar a dor sozinho. A solidão dos homens sendo tatuados no estúdio só é quebrada na relação com o próprio tatuador. As mulheres reclamam da dor e conversam sobre sua vida com tatuadores e outros clientes ao passo que os homens raramente conversam entre si, apenas com os tatuadores ou com pessoas conhecidas que estejam no estúdio, sem jamais iniciar uma conversa com outros clientes durante o processo. É como se a intimidade masculina fosse, de fato, mais resguardada do que a feminina. O que ocorre, no entanto, analisando-se a situação à luz do pensamento de Bourdieu (2003), é que a constante prova de masculinidade que os homens devem dar a si mesmos e ao mundo de um modo geral requer esta auto-conservação da intimidade em situações em que ela está sendo posta à prova, como no momento de suportar a dor física ao ser tatuado.

As reclamações das mulheres sobre a sensação de dor, contudo, nem sempre são bem vistas pelos tatuadores, conforme observou Leitão (2002). A idéia de fraqueza relacionada ao feminino é o que permite esta expressão, que pode ser vista como uma “frescura”, ou seja, de forma negativa. Opera-se, portanto, dentro de um limite que é usualmente estabelecido pelo tatuador. Muitos se irritam e tomam as reclamações também como uma crítica ao seu trabalho, pois compete ao tatuador minimizar a dor da operação utilizando uma técnica apropriada, vulgarmente conhecida como mão leve. Quando as reclamações provém de homens, porém, a irritação do tatuador é maior e, via de regra, na ausência do cliente, sua masculinidade cai em suspeita.

O controle sobre os corpos femininos se torna visível, principalmente,

nas reprimendas de maridos acerca do interesse de suas mulheres pela tatuagem. Leitão (2002) chama a atenção para a idéia de autonomia e liberdade de ação sobre o próprio corpo presente nas falas de alguns de seus entrevistados: “o corpo é meu e faço com ele o que quero” e “cada um tem liberdade de escolher o que faz com seu corpo”. Durante as observações de campo, ouvi relatos de mulheres cujos maridos não gostavam de tatuagens, ou que estavam no estúdio para a primeira tatuagem sem terem avisado seus maridos. O argumento apresentado foi sempre o mesmo: “o corpo é meu”. Jamais ouvi algum homem falar que a esposa não gostava de tatuagens, como jamais vi algum explicar à sua esposa que o corpo é dele e que pode fazer com o seu corpo o que quiser. Esta diferença quanto à autonomia individual e de ação sobre o próprio corpo está relacionada às diferenças de gênero.

Célia<sup>3</sup>, cliente do estúdio, contou-me sobre uma amiga que havia feito sua primeira tatuagem há poucas semanas. O marido da amiga não gostou e desejava que ela retirasse o desenho. A amiga se dividia entre fazer uma nova tatuagem e retirar a primeira com laser. Célia contou que o marido da amiga dissera à esposa, na frente da própria Célia, que uma mulher com tatuagem era uma mulher à toa. Célia concluiu:

78

“Meu marido também não gosta de tatuagem. Eu disse para ele ‘vou fazer outra’. Ele não é contra, mas sempre me diz que, por ele, eu não faria nenhuma. Mas eu faço. O corpo é meu, o dinheiro é meu e ninguém tem nada a ver com isso”. (Célia, aparentando 32 anos)

Em outra ocasião, no mesmo estúdio, escutei conflito semelhante se desenrolar por telefone. O marido de Cândida ligou para o seu celular enquanto ela aguardava dentro do estúdio. “Estou fazendo uma tatuagem”, avisou. O marido não gostou e a ligação foi interrompida. “Ele desligou na minha cara!”, disse. Ela ligou de volta perguntando se havia desligado, mas ele negou. Ela questionou porque não aprovava sua tatuagem e argumentou que era algo que ela gostava, da mesma forma que havia coisas que ele gostava. Depois de falar com o marido, Cândida recebeu um telefonema do pai, tentando desencorajá-la. “Seu marido não gostou?”, perguntei-lhe. Respondeu que

“Não, mas eu não quero nem saber. O corpo é meu, o dinheiro é meu, ninguém tem nada a ver com isso. Agora você vê... eu tenho 38 anos e não posso tomar minhas próprias decisões.” (Cândida, 38 anos)

Cândida não havia avisado ao marido que havia tomado a decisão e que iria ser tatuada naquele dia. Ele tomou conhecimento da situação pelo telefone.

Nos casos acima apresentados, o marido aparece como alguém que pode gerar conflitos na opção de se tatuar. A família é a instância que critica ou apóia uma decisão individual: ao que tudo indica, os maridos criticando e as mães<sup>4</sup> apoiando, o que sugere uma relação mais profunda da tatuagem com o universo feminino, como se ela já fizesse parte de uma cultura feminina, em que as mulheres se apóiam mutuamente. Mas porque os maridos são tão contrários

à tatuagem em suas esposas? Segundo Bourdieu (2003), sendo as mulheres e seus corpos objetificados pela dominação masculina, ou seja, tornados objetos de uma economia de bens simbólicos, seu principal local de troca diz respeito ao mercado matrimonial. A intervenção da família na vida das mulheres opera não apenas quanto à salvaguarda de um objeto valioso para a reprodução da própria família como quanto à idéia de que as mulheres devem ser dirigidas por seus homens (pai, irmão, marido).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, então, que a tatuagem, na qualidade de adorno corporal, é um signo que confere um acréscimo em valores associados à diferenciação de gênero, sobretudo na noção de identidade de gênero. Uma tatuagem de um animal selvagem no braço torna o homem que a possui mais viril, com mais atributos da masculinidade: força, destruição, descontrole. Do mesmo modo, ter uma borboleta na nuca confere atributos femininos à mulher que a possui: delicadeza, charme, beleza, sedução. Desenhos e locais do corpo a serem tatuados são criteriosamente escolhidos segundo esta lógica da diferença de gênero e dos atributos que a tatuagem pode conferir ao seu usuário.

79

A experiência do processo de ser tatuado, fundamentalmente o que concerne ao lidar com a dor, estão, igualmente, perpassados pela lógica da diferenciação de gênero. Enfrentar a dor em silêncio, suportá-la até o fim sem queixas é uma prova de masculinidade. Sem a necessidade de empreender esta prova, as mulheres, ao contrário, queixam-se, buscam apoio, compartilham a má parte da experiência de ser tatuada. Em outras palavras, exprimem sua fraqueza socialmente determinada, isto é, a fraqueza atribuída ao feminino.

Esta fraqueza se faz presente, ainda, quando se vêem em conflito com marido ou pai para terem a sonhada marca no corpo. Contrariando os desejos alheios sobre o deveriam fazer com o próprio corpo, experimentam um controle ao qual devem resistir e contra o qual têm que lutar, percebendo, no processo, que “o corpo é meu” e, com isso, gerando espaço para um reflexão pessoal sobre a autonomia feminina em nossa sociedade.

### NOTAS

1 O estúdio pesquisado na Zona Sul não mantinha o hábito de preenchimento de tal tipo de cadastro.

2 A tatuagem esteve historicamente relacionada a grupos masculinos como criminosos, gangues juvenis e marinheiros (MIFFLIN, 1997; GILBERT, 2000; LE BRETON, 2002).

3 Todos os nomes são fictícios e referem-se, por uma questão de espaço, a clientes do estúdio da Zona Norte. Estas situações, contudo, também foram observadas no estúdio pesquisado na Zona Sul.

4 Nem sempre, conforme observei fora do campo, as mães apoiam a decisão de ser tatuada. Muitas vezes elas são peças fundamentais na tentativa de coibir o ato.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem. In: Psicologia clínica, Rio de Janeiro, 12(2), 2001, p.103-123.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

ELIAS, Norbert. Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1996.

GILBERT, Steve. Tattoo history: a source book. New York : Juno Books, 2000.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

LE BRETON, David. Signes d'identité: tatouages, piercings et autres marques corporelles. Paris: Métailié, 2002.

LEAL, Mariana. Pele ilustrada. In: Beleza pura. Seção Espelho meu. Acesso em 17 fev 2005. <<http://www.belezapura.org.br>>

LEITÃO, Débora Krischke. O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

MIFFLIN, Margot. Bodies of subversion: a secret history of women and tattoo. New York: Juno Books, 1997.

SABINO, César. Os marombeiros: construção social de corpo e gênero em academias de musculação. Dissertação (mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

ANEXOS

**Tabela 1 - Mulheres e homens na clientela do estúdio pesquisado.**

MÊS/ANO

MULHERES

HOMENS

TOTAL

Setembro/2003

130 (80.2%)

32 (19.8%)

162 (100%)

Dezembro/2003

183 (70%)

79 (30%)

262 (100%)

Janeiro/2004

118 (65.5%)

62 (34.4%)

180 (100%)

81

**Gráfico n.1 – Maiores percentuais de desenhos entre homens e mulheres.**

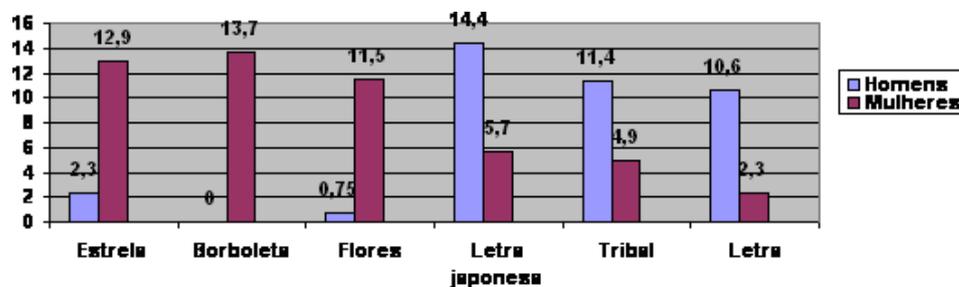


Gráfico n.2 – Os desenhos masculinos em percentuais.

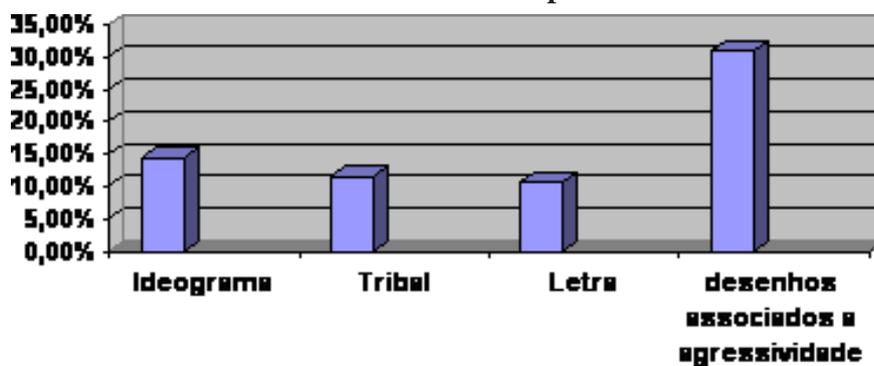
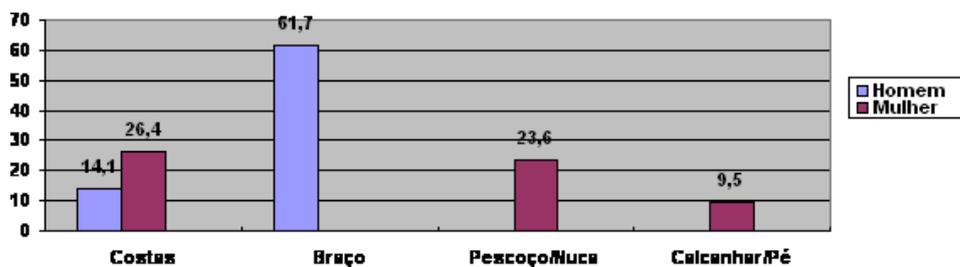


Gráfico n.3 – Regiões do corpo mais freqüentemente tatuadas por homens e mulheres, em termos percentuais.



82